

REPRESENTAÇÕES DO ESPORTE-DA-MÍDIA NA CULTURA LÚDICA DE CRIANÇAS¹

Mariana Mendonça Lisbôa

INTRODUÇÃO

A atual vida cotidiana na esteira da *globalização econômica/ mundialização da cultura* (PIRES, 2005), passa por um processo em que os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias se tornaram elementos constituintes importantes para compreensão da realidade e transformações que se colocam na dinâmica social. Nesse sentido, principalmente a televisão, configura-se como um importante e poderoso meio de produção e veiculação de informações que vem se “naturalizando” como um membro efetivo das famílias brasileiras. Mesmo não sendo mais uma novidade, por existir há mais de cinquenta anos, as proporções e a onipresença que este veículo adquiriu na nossa sociedade fizeram com que obtivesse importante espaço na organização e compreensão do mundo a nossa volta, estabelecendo a agenda de discussão e interação social de muitas famílias.

As novas gerações, assim, desenvolvem-se numa realidade já estruturada por representações e percepções oriundas da presença da TV neste cotidiano. E é nesse seu processo de descoberta do/no mundo,

1. Uma versão deste texto foi publicada nos anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/ (Recife/PE, 2007).



tele-mediado por inúmeras imagens e sons, que as crianças irão elaborar e re-elaborar ativamente suas compreensões e representações da realidade, sendo em grande medida, como todos nós, influenciadas pela ideologia que perpassa este meio.

Nesta perspectiva o esporte apresenta-se como um dos principais elementos da nossa cultura marcado pelo processo de espetacularização midiática, expresso principalmente pela televisão, sendo disponibilizado diariamente em nossos lares através das “telinhas”. Constituindo-se como um dos parceiros preferenciais da mídia, por gerar um mercado “de milhões”, a compreensão do esporte na atualidade precisa considerar a sua mediatização pela televisão, ou seja, este meio de comunicação de massa não pode ser considerado instância externa a cultura esportiva, mas parte integrante que concorre para instauração de uma nova percepção e prática desse elemento da cultura de movimento.

Acreditando na capacidade transformadora e produtora de conhecimentos por parte das crianças, que não apenas recebem estas informações da televisão passivamente, mas também são capazes de ressignificá-las à luz de suas “múltiplas mediações” (OROZCO, 1993), surge a necessidade de se estabelecer um nexos entre as representações sociais produzidas pela mídia/TV, e aquelas que efetivamente se constituem em suas culturas lúdicas.

Desta forma, sabendo que existem milhares de crianças na escola com uma bagagem da tele-vivência esportiva, eis que surgem as questões que configuram o nosso problema de pesquisa: será que as crianças compreendem as características fundantes do esporte-da-mídia²? Que representações elas constroem através dessa tele-mediação do esporte? É possível que a escola aja como mediadora institucional à esta cultura midiática, através da problematização do esporte-da-mídia nas aulas de Educação Física?

2. O termo “esporte-da-mídia”, utilizado ao longo do texto, significa que a instituição mídia apropria-se e dá sentidos/significados a essa manifestação cultural de acordo com seus interesses, o que lhe confere algumas características peculiares, como apresentou Betti, (2001).

Buscando respostas às questões levantadas, procedemos uma *pesquisa-ação* orientado pela perspectiva da *mediação escolar*³ dentro do processo comunicacional, com uma turma da 2ª série do ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis/SC, tendo como objetivo identificar e compreender as representações sociais do esporte da televisão na cultura lúdica das crianças e suas possíveis transformações quando tematizadas na Educação Física escolar.

Para tanto, nossa pesquisa de campo teve três momentos:

1º) *Diagnóstico da cultura midiática dos alunos e suas relações com o esporte* - No intuito de identificar as estruturas mediadoras de recepção das crianças e suas relações com a mídia/TV e o esporte, realizamos primeiramente: A) Observação Participante (das aulas de Educação Física e escola); B) Questionário com os responsáveis; C) Entrevista coletiva (Roda de Conversas) com os sujeitos da pesquisa.

2º) *As concepções de esporte das crianças* - No início de nossa intervenção, antes de abordarmos especificamente as questões relativas ao esporte-da-mídia, realizamos algumas atividades com a intenção de compreender a concepção de esporte das crianças, a saber: 1) Atividade com Colagens; 2) Confecção de um painel intitulado "Varal de Idéias - Esporte é..."; 3) Intervenções lúdicas.

3ª) *Abordando o esporte-da-mídia* - Investigação junto aos alunos das representações sociais e significados que possuem sobre os elementos/ conteúdos esportivos expressos na televisão. Tendo a Copa do Mundo de Futebol 2006 como tema gerador, desenvolvemos algumas estratégias, como: 1) Desenhos da Copa; 2) Organização da Copa da Turma (atividade filmada e explorada na perspectiva do videoprocessamento e vídeo-espelho - Ferrés, 1996); 3) Intervenções Lúdicas; 4) Encenação de programas televisivos que abordam os esportes.

Adequada ao universo infantil, nossa intervenção teve o lúdico, a participação, o diálogo, e a alteridade como pressupostos de elaboração

3. O Conceito de mediação escolar, como uma mediação institucional, encontra respaldo na corrente Latinoamericana de Sociologia da Comunicação. Nessa perspectiva, as diferenças culturais constituem-se em estruturas mediadoras da recepção midiática (como a escola) que intervêm no processo de produção de sentidos/significados.



das estratégias de ação que foram registradas através do diário de campo, fotografias, filmadora e gravador.

De posse dos dados colhidos nas três etapas do campo, inicialmente realizamos uma análise longitudinal em que as principais atividades/estratégias de nossa intervenção foram descritas e sistematizadas de modo a retratar os caminhos percorridos e os dados obtidos. Posteriormente, procedemos uma análise transversal do conjunto de informações alcançadas, através da Análise de Conteúdo e Imagens, identificando quatro eixos temáticos de discussão que trazemos a seguir.

Participação Infantil: visibilidade social e encantamento com a técnica

Um dos grandes pontos que merece destaque e reflexões sobre a pesquisa com crianças é o da participação infantil. Questão esta que elencamos como fundamental em toda nossa investigação por ser um determinante do acesso às culturas infantis, ao que as crianças têm a nos dizer e mostrar.

Corroborando neste sentido, além de nossa concepção de criança, a perspectiva de que as práticas pedagógicas escolares precisam considerar os alunos parceiros ativos no seu próprio processo de esclarecimento e emancipação. Assim, nossa intervenção/projeto junto às crianças só teria sentido se assumido e conduzido por todos os sujeitos envolvidos: professora-pesquisadora e crianças, baseado em ações dialógicas e de alteridade.

No intuito de garantir e estimular este direito – de serem atores sociais ativos em suas próprias vidas – inúmeras estratégias foram adotadas ao longo do nosso trabalho com a turma, de modo que, ao final desta experiência, um eixo de destaque oriundo do campo foi o envolvimento e colaboração das crianças através de suas participações. Envolver não isento de problemas, mas revelador da necessidade que as crianças possuem de serem vistas, ouvidas e consideradas, mesmo quando se observa no plano dos discursos públicos a relevância social e a visibilidade da infância.

Sarmento e Pinto (1997) ao tratarem da visibilidade social da infância na contemporaneidade, expresso na agenda de discussão política,



midiática e de investigação, chamam atenção para os paradoxos que têm sido produzidos pela sociedade ao considerar ao mesmo tempo as crianças importantes e sem importância. Fato este que se agrava ainda mais quando consideramos os vários espaços sociais que as crianças convivem, e que são palcos de diferentes concepções de infância, implicando em relações e expectativas distintas para com suas condições.

Os sentimentos de euforia e alegria expressados pelas crianças em nossa intervenção, por serem valorizadas em suas potencialidades, nos fizeram perceber o quanto a cultura e a sociedade ainda lhes impõe um controle e desvaloriza sua capacidade produtora. Desta alegria em serem sujeitos de uma prática investigativa que buscava entendê-las e compreendê-las, vieram inúmeras contribuições.

Outro fator que identificamos como gerador do interesse e participação das crianças foi a utilização das tecnologias ao longo do processo. A incorporação da máquina fotográfica, filmadora e vídeo em nossas aulas foi elemento motivador do envolvimento da turma em duas direções: primeiramente por um encantamento pela técnica, e posteriormente pelas possibilidades didático-pedagógicas de utilização destes recursos.

Com relação ao encantamento pela técnica, alguns autores como Belloni (2001) e Demo (1998), ao tratar da desejável incorporação dos recursos audiovisuais no planejamento escolar e dos professores, alertam para este típico comportamento dos educadores oriundo do primeiro contato com as tecnologias.

Mesmo não discorrendo sobre a relação das crianças com os instrumentos técnicos, acreditamos que o mesmo pode ser transposto para a realidade infantil, especialmente se considerarmos que esses alunos, filhos de trabalhadores, muitas vezes não possuem acesso a essas tecnologias, o que lhes confere em maior grau o “deslumbramento” ao primeiro contato, frente a suas possibilidades e recursos.

Contudo, num segundo momento, após a incorporação das tecnologias na rotina dos trabalhos e das intenções didáticas, foi possível superar, em certa medida, este fascínio técnico pelas possibilidades pedagógicas que eles podem nos oferecer. Desafio este destacado por Demo (1998) como tarefa crucial aos educadores. Neste sentido, a utilização do

vídeoprocesso (FERRÉS, 1996), e principalmente a restituição das imagens aos alunos, no intuito de servir como potencializador de reflexões (vídeo-espelho), serviu para que este recurso técnico atendesse aos propósitos educacionais.

Criança e tevê, tudo a ver!

Acreditamos que é preciso olhar com atenção a qualidade e quantidade da recepção infantil, bem como as relações e interações que as crianças possuem, e que serão fatores decisivos das mediações que estabelecem com este meio. Até porque, como Brougère (1995) sugere, em alguns casos a televisão pode se constituir em uma atividade importante sendo um suporte para suas brincadeiras, através das imagens que fornece, e que não são recebidas passivamente.

Percebemos durante nossa pesquisa que o hábito de assistir televisão ocupa espaço cativo na vida das crianças, sendo uma atividade que “gostam muito” de realizar, e quando podem o fazem o tempo todo, especialmente pela manhã e noite – períodos em que não estão na escola.

Mesmo não sendo uma atividade em foco em muitos casos, pois ao mesmo tempo em que as crianças brincam, também assistem TV, ou ainda quando fazem refeições, é importante destacar que este meio de comunicação permeia grande parte de suas rotinas diárias, sendo a recepção dispersa uma característica de suas culturas midiáticas.

Como Ferrés (1996a) apresentou, uma característica das novas gerações que nascem em meio a cultura audiovisual das tecnologias de informação e comunicação é o costume de fazer várias atividades com a presença constante da televisão (em alguns casos, o rádio), em virtude desta nova percepção hiperestimulada. Desta forma, muitas vezes, a recepção infantil não constitui uma atividade totalmente integral, mas dispersa no cotidiano de sua cultura lúdica.

Aliado ao fato de que existem momentos em que as crianças dedicam sua atenção exclusivamente a televisão, sendo conhecedoras em potencial de elementos e da organização de inúmeros programas, acreditamos haver razões suficientes para acreditar que a recepção televisiva é muito presente em seus cotidianos, e o discurso midiático



constituente importante da dinâmica de suas culturas infantis. Pois, como afirma Sarmiento e Pinto (1997, p. 22), “a interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode ser realizada no vazio social, e necessita de se sustentar na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interação e dão sentido ao que fazem.” Desta forma, afirmam também ser preciso considerar a colonização de seus mundos de vida pelos meios de comunicação de massa, que fazem da cultura infantil um universo simbólico permeável e não exclusivo da infância.

Sobre esta exposição à TV, um fato que nos chamou atenção, diz respeito a presença deste aparelho em quase metade dos quartos das crianças, o que acaba acarretando uma relação mais próxima e autônoma com este meio, diferentemente de ambientes coletivos, em que a televisão precisa ser negociada com os demais familiares, especialmente os adultos, importantes nesta mediação.

A mediação adulta é apontada como fundamental nesta relação (criança x TV), uma vez que pode agir como re-significadora do que as crianças vêem. Neste sentido, apesar das evidências contrárias, a grande maioria dos pais/ responsáveis afirmou ter o costume de assistir televisão com seus filhos, bem como conversar com eles sobre o que é veiculado.

Ainda cabe destacarmos outra situação dentro da recepção infantil, como a apresentada por Sampaio (2000), ao afirmar que uma tendência crescente no consumo da mídia televisiva é o interesse das crianças por programas voltados para adultos e jovens, o que podemos perceber junto a turma pesquisada na indicação dos três programas preferidos: *Malhação*, *Rebeldes* e *Cobras e Lagartos*.

Cabe agora nesse contexto a seguinte indagação: como se configura a recepção ao esporte-da-mídia pelas crianças?

Nas conversas com as crianças, podemos perceber que, mesmo não se constituindo na predileção de consumo da maioria, a turma é unânime em afirmar que já assistiu jogos veiculados pela TV, e que dessa forma obtém informações sobre os esportes. Esta atividade tem interesse maior quando corresponde aos jogos dos times que torcem, sendo o futebol o mais visto, seguido pelo vôlei e basquete.

Porém, como afirmaram alguns autores sobre a relação da mídia e esportes (PIRES, 2002; BETTI, 1998), é fundamental destacar que os as-



suntos esportivos não são restritos, no quadro geral da programação televisiva, às transmissões esportivas e aos programas especializados, diluindo-se ao longo de muitos programas da grade, desde os infantis (como as crianças observaram no Programa da Xuxa) a novelas (como observaram na Malhação), passando pelos inúmeros apelos publicitários.

Neste sentido, considerando também a recepção infantil à Copa de Futebol 2006, bem como o contato através da presença do esporte-da-mídia em grande parte da programação televisiva, incluindo as de interesse das crianças, podemos considerar que a cultura esportiva da turma também é permeável ao discurso midiático esportivo e suas representações, como veremos a seguir.

Esporte é legal e bom... e as crianças brincam de esportes!

Em nossa pesquisa constatamos que existe uma polissemia do conceito de esporte expresso pelas crianças; que tanto pode significar a sua prática institucionalizada (por exemplo, o futebol, o voleibol), como também atividades de lazer (entre elas andar de bicicleta, e passear com o cachorro), e ainda algumas brincadeiras e jogos. Neste sentido, o esporte polissêmico como variante de manifestações da cultura lúdica, explica o grande interesse e gosto infantil por esta atividade. Afinal, as crianças também brincam de esporte! E a brincadeira como atividade lúdica é um traço fundamental da cultura infantil, sendo condição de aprendizagem e recreação do mundo a sua volta (SARMENTO, 2004).

O esporte assim é muitas vezes integrado ao universo lúdico das crianças, ou seja, às estruturas e esquemas constituintes de sua cultura lúdica, possibilitando a brincadeira. Contudo, brincadeira esta não isenta de diferentes dinâmicas, permeável a interferências, e passível de contradições e conflitos, expressos principalmente pela colonização do mundo vivido infantil pelos códigos e sentidos do esporte de rendimento e da mídia/TV. Isto porque o modelo esportivo hegemônico está estruturado no princípio do rendimento e da competição, difundido principalmente pelos meios de comunicação de massa, e tornando-se uma cultura mundializada, produto da Indústria Cultural.

Porém, mesmo o esporte vindo a se tornar uma brincadeira que recebe ressignificações pelas crianças por conta de sua cultura lúdica, é



importante destacar que algumas representações produzidas sobre este assunto vão ao encontro de uma visão “positivo-funcional” do esporte, que expressa, entre outros, a competitividade e o individualismo.

Bracht (1997) faz uma análise crítica do modelo esportivo hegemônico a partir de uma perspectiva de classe, tecendo problemáticas sobre este papel positivo-funcional do esporte, que agiria como uma forma de controle social através da veiculação de valores e normas de comportamentos, necessários a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade capitalista. Isto porque o autor acredita que “precisamos entender que as atitudes, normas e valores que o indivíduo assume através do processo de socialização do esporte estão relacionados com sistemas de significados e valores mais amplos, que se estendem para além da situação imediata do esporte (BRACHT, 1997, p. 64)”.

Entendido desta forma, o esporte contribuiria na introjeção pelas crianças dos comportamentos fundamentais à manutenção do sistema capitalista de produção. As representações do esporte como: “ser campeão”, “vencer na vida”, “esforço pessoal”, “disciplina”, “obediência às regras”, muito presente no esporte-da-mídia, são exemplos de narrativas que alimentam o imaginário social, penetrando em alguns significados expressos pelas crianças nas suas atividades lúdicas, que se relacionam sempre (querendo ou não) à cultura de movimento hegemônica da sociedade que pertencem.

Por outro lado, é importante dizer que também existem momentos em que as dinâmicas e os esquemas de brincadeiras da cultura infantil das crianças são capazes de ressignificar o conteúdo esportivo a partir dos interesses dos sujeitos envolvidos que, em grande parte, buscam através do seu *se-movimentar* interagir com as possibilidades do outro, do brinquedo, e do contexto em que se encontram. Sendo o esporte, assim, transformado em um jogo/brincadeira da cultura lúdica, produzindo representações de diversão, alegria, amizade, interação, lazer.

Em um mundo estruturado por inúmeras representações, principalmente dos adultos, as crianças agem criando e recriando, a partir de suas mediações, significados próprios e/ou reproducionistas. Especialmente sobre o esporte, que ocupa grande espaço do discurso midiático em uma pátria que veste chuteiras regularmente para acompanhar



sua seleção e seus times, e se prepara periodicamente para acompanhar mais eventos esportivos tele-espetacularizado (como os Jogos Pan-Americanos e as Olimpíadas), esse predicativo de uma sobrevalorização do fenômeno alarga-se fortemente.

A inquestionável positividade do esporte como remédio para quase todos os males sociais, constituiu poderoso discurso junto às crianças que, negando as contradições, ideologias, e interesses, presentes na cultura esportiva contemporânea, produz outras representações que servem à *semicultura esportiva* (PIRES, 2002) como: “esporte é saúde”, “o esporte salva”, “o esporte é corpo em forma”.

Quint e Matiello Jr. (apud PIRES, 2002) apontam como consequência deste quadro o exercício físico/esporte sendo consumido pela sociedade como remédio amargo induzido pela “cultura do medo e da culpa” contra o perigo e a dor de serem diferentes ou sem saúde, não levando em conta a complexidade de ação nesta área.

Considerando esse jogo de fragilidades e resistências apresentado pelas crianças sobre as representações esportivas e o discurso midiático, verificamos ainda que existem significativas diferenças na constituição da cultura esportiva entre os meninos e as meninas, chegando a produzir separações entre esportes/atividades de homens (futebol) e esportes/atividades de mulheres (vôlei).

A Copa e o esporte-da-mídia: limites e possibilidades da mediação escolar

Como instituição educacional a escola encontra-se imersa na realidade que a cerca. Seus muros não conseguem impedir que a cultura e conhecimentos da realidade social fiquem do lado de fora de seu espaço-tempo pedagógico. Mesmo que negando ou ausentando-se frente a alguns assuntos e informações oriundas das transformações e dinâmicas sociais, ela não consegue evitar que reflexos e implicações destas recaiam em seu âmbito.

Neste sentido, inúmeras discussões vêm sendo feitas em torno da necessidade da escola rever a tradicionalidade de suas ações e métodos, especialmente quando observamos as grandes transformações tecnológicas no plano da comunicação e informação.



A realidade nos mostra que a cultura midiática está presente no ambiente escolar principalmente através de discursos, práticas, comportamentos, consumos, brinquedos e brincadeiras dos alunos/receptores que a frequentam e que, muitas vezes, ainda passam despercebidas ou ignoradas pelos profissionais da educação. Como afirma Orofino (2005), mesmo subestimando este contexto, a escola já se constitui em um ambiente de mediações situacionais, através dos alunos que interagem no seu interior a partir das culturas midiáticas, precisando, portanto, em muitos casos, assumir ainda sua responsabilidade enquanto mediação institucional, trazendo as conversas dos pátios e corredores para a sala de aula.

Sendo o esporte um dos principais parceiros da tele-espetacularização midiática, consideramos os grandes eventos esportivos o ápice desta relação e a hipertrofia do esporte-da-mídia. Isto porque eventos com a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas congregam um dos maiores índices de audiência televisiva mundial, e grandiosa organização e cobertura por parte da mídia, palco privilegiado para um outro jogo: o de interesses mercadológicos e ideológicos.

É importante destacar que a maioria destes grandes eventos esportivos chega até nós através das espetaculares “telinhas” da televisão, ou seja, nossa relação com estes acontecimentos é mediado tecnologicamente pelo mais poderoso meio de comunicação de massa, a TV.

A relação do esporte com a mídia/TV, neste sentido, torna-se elemento de compreensão importante que descortina alguns pontos de discussão sobre o fenômeno esportivo na atualidade e, conseqüentemente, sobre os grandes eventos esportivos; ou não poderíamos falar em (tele)espetaculares eventos esportivos?

Especialmente para o povo brasileiro, a Copa do Mundo de Futebol, realizada de quatro em quatro anos, transforma nosso cotidiano num imenso estádio esportivo. Não diferente do que acontece com o povo brasileiro, as peças publicitárias e programas midiáticos se adaptam em conseqüência do evento. Realidade esta que também observamos na escola pesquisada ao absorver alguns rituais de celebração, tematizando o evento de forma isolada em diferentes disciplinas.

Algumas questões abordadas em nossa intervenção sobre o esporte-da-mídia, fizeram-nos perceber que as crianças, quando estimuladas,

conseguem identificar algumas características de sua mediação tecnológica espetacularizada, chegando a elaborar significados coerentes sobre os interesses mercadológicos existentes. Contudo, muitas vezes, impulsionados pela visão positivo-funcional do esporte e o patriotismo desenvolvido em momentos como a Copa, encontramos nos discursos alguns predicativos que vão neste sentido, como: a extrema competitividade, o individualismo, e principalmente a exaltação do ídolo.

Em uma discussão sobre os Jogos Olímpicos de Atenas – 2004, Pires et. all. (2005) refletem sobre a possibilidade dos atletas locais servirem de mediação cultural identificatória para a mídia “falar” de um evento global ao local, “criando a associação afetiva e imaginária de estarmos lá, competindo, através de conterrâneos, próximos ou distantes, deixando os sujeitos e as sociedades locais em conexão com o discurso universal amalgamado no universo simbólico/ritual dos jogos e seus efeitos” (p.2)

Neste sentido, a exaltação dos ídolos, como identificado nas crianças principalmente no período da Copa, constitui estratégias narrativas do *agendamento esportivo*⁴ para personificar o evento e transformar o ritual em mito, que atualizam as narrativas da modernidade, a saber: coesão, harmonia, e construção e manutenção da identidade coletiva universal.

Em suas considerações sobre esta realidade percebida em grandes eventos esportivos, Pires et all (2005, p.10) afirmam:

Cabe destacar que o esporte de alto rendimento, observado em eventos como os Jogos Olímpicos e veiculados pelos diversos agentes midiáticos, configura-se na principal referência desta dinâmica cultural denominada esporte e, por isso, povoa o imaginário social de pessoas de todas as idades, classes, gêneros e etc. Assim, termina por constituir-se, também, em formador das representações sobre esporte que ocupam o campo social de atuação do professor de Educação Física, que precisa estar preparado técnica e conceitualmente para entender e interagir com tal processo em suas intervenções profissionais.

4. Sobre o agendamento esportivo Fausto Neto (2002) explica que seria a capacidade dos meios de comunicação de massa de organizar e dirigir alguns interesses, expectativas, e prazos de nossas vidas em relação à cultura esportiva, nos ofertando temas a pensar e produtos a consumir, que se tornam pautas da agenda de discussão social.



Frente ao constatado em nosso campo de pesquisa, podemos perceber que existem muitas possibilidades de levantarmos nas aulas de Educação Física escolar uma discussão e prática significativa para o esclarecimento e aprofundamento das questões imbricadas na relação mídia/TV e esporte, principalmente a partir do tencionamento dos conflitos e contradições existentes nas diferentes perspectivas que o fenômeno esportivo se apresenta para as crianças/alunos.

Assim, frente ao discurso midiático, aos valores, representações e mitos que ele deseja perpetuar e construir, é preciso que a educação que se deseja transformadora e contemporânea aja como mediação no processo comunicacional, através de uma educação com a mídia, para a mídia e produzindo mídia. Perspectiva esta da *mídia-educação*⁵ que começamos a construir e socializar através de nossa pesquisa-intervenção na escola e que precisa ainda constituir-se em uma ação mais coletiva e engajada de todo âmbito educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer as crianças como sujeitos e não meros objetos de pesquisa, significa, de modo comprometido e respeitoso, construir conhecimentos que ajudem a legitimar a infância como grupo geracional de direitos e sobretudo produtor de cultura. Sujeitos participativos e especialistas em suas próprias vidas, as crianças merecem o foco de nossos olhares despidos de preconceitos, especialmente os oriundos da insistente visão adultocêntrica que muitas vezes subestima suas condições.

Pensar e experienciar momentos com as crianças pautados nestas perspectivas constituíram um árduo desafio de vigilância epistemológica e de alteridade, que nos fizeram perceber o quão importante é para nós professores-pesquisadores trilhar os caminhos que nos levam a infância e principalmente a alguns sentidos/significados de suas ações no/com o mundo, os outros e a mídia, e sobre os quais poderemos construir uma pedagogia da infância, voltado ao esclarecimento e emancipação.

Muitas evidências nos fizeram perceber que as crianças são grandes conhecedoras da linguagem audiovisual, possuindo inúmeras

5. Sobre o conceito de mídia-educação, ver Fantin (2006).

informações sobre o desenvolvimento, conteúdo, e formato de alguns programas televisivos, em virtude do grande espaço-tempo que dedicam a este meio de comunicação de massa em suas vidas cotidianas.

Desta forma, além de conseguirem perceber a inserção do esporte por toda a grade de programação televisiva, quando estimulados os alunos conseguem narrar a dimensão do esporte tele-espetáculo, percebendo os elementos e recursos utilizados em sua veiculação. Contudo, afirmar que todos os interesses e dinâmicas são compreendidos ou descortinados pelas crianças é um tanto quanto simplificar esta questão, que para muitos telespectadores (independente de idade) ainda carece de maiores esclarecimentos, o que não foi diferente para a turma.

Envolvidas por este ambiente tele-mediado do esporte, que tem no futebol muitas implicações com a cultura do povo brasileiro, não é de se estranhar que alguns aspectos da cultura esportiva das crianças assumam alguns códigos da dinâmica dos meios, porém processo não isento de resistências e re-significações. Como Sarmiento (2005, p. 373) nos afirma: “As culturas da infância são resultantes da convergência desigual de fatores que se localizam, numa primeira instância, nas relações sociais globalmente consideradas e, numa segunda instância, nas relações inter e intrageracionais. (...) Este processo é criativo tanto quanto reprodutivo”.

Coloca-se assim o desafio, de compreendermos este processo dinâmico dentro de uma “reprodução interpretativa” (CORSARO apud SARMENTO, 2005) por parte das crianças que também formulam interpretações da sociedade.

Interpretações percebidas nas transformações do esporte que, no entrelaçamento com as suas culturas lúdicas infantis, recebem outros significados e dinâmicas que revelam possíveis contradições a serem exploradas, quando o sentido do esporte passa a ser o de participação/lazer. Isto porque, as crianças demonstram perceber o esporte para além de sua visão hegemônica (de rendimento), que mesmo presente na maioria dos momentos, também trás as dimensões do jogo lúdico como forma de aprendizagem e interação.

De acordo com este contexto as representações do esporte-da-mídia em que se privilegia a competitividade, o individualismo, a obediência às regras, a mercadorização, envoltos em um discurso “positivo-funcional” do fenômeno esportivo, compartilham na cultura lúdica das



crianças com sentidos/significados de resistência e contradição, fruto de suas re-significações e interpretações infantis que ocorre na ação concreta das crianças e nas suas condições sociais.

Frente ao esporte-da-mídia e a sua grande capacidade de “*agendamento*” na sociedade é possível a escola, através de uma tematização problematizadora, contribuir para o fortalecimento da recepção crítica dos diferentes assuntos propostos, caso contrário, a simples celebração a-crítica, ou negação dessas temáticas, servirá a perspectivas reproducionistas de muitos discursos e representações colocados pela mídia/TV.

REFERÊNCIAS

BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. Esporte na mídia ou esporte da mídia? *Motrivivência*. Ano XII, n. 17, set. 2001.

BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social*. 2.ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BROUGÉRE, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

DEMO, P. *Questões para a teleducação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FANTIN, Mônica. *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. *Verso & Reverso*. São Leopoldo: Unisinos, ano XVI, n. 34, p. 9-17, jan./jun. 2002.

FERRES, J. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LISBOA, Mariana Mendonça. *Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

OROFINO, M. I. *Mídias e Mediação Escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

OROZCO, G. G. Hacia una dialectica de la recepción televisiva: la la estructuración de estrategias por los televidentes. *Comunicação & Política na América Latina*. ano 8, v. 22 a 25, p.57-73,1993.

PIRES, G. L.; Globalização da Economia/Mundialização da Cultura. In: GONZALEZ, F. J.; FENTERSEIFER. P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Ed.UNIJUI, p. 215-218, 2005.

_____. *A educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

PIRES, G.L; *et al*. Catarinenses Olímpicos na Mídia Impressa Regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. Congresso Sul-Brasileiro de Ciências do Esporte. 3. *Anais...* Santa Maria: set. /2004.

SAMPAIO, I. S. V. *Televisão, publicidade e infância*. São Paulo: Annablume, 2000

SARMENTO, M. J; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. J; PINTO, M. *As crianças. Contextos e identidades*. Portugal: Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, M. J.; Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.26, n.91, p.361-378, mai./ago. 2005.

_____. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J; CERISARS, A. B. (orgs.). *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Portugal: ASA, 2004.